

Manaus, terça-feira, 31 de agosto de 1999

a crítica CIDADES 15

Fotos: Antônio Menezes

FOME TAMBÉM AMEAÇA

Indígenas reclamam de doenças e de abandono

TRANSIÇÃO DE MANDO DA FUNAI PARA A FUNASA DEIXA ABANDONADAS 122 PESSOAS NA CASA DO ÍNDIO. ELAS SE DIZEM DESAMPARADAS E SENTEM FALTA DE PEIXE E DE FARINHA

ANA CÉLIA OSSAME

Os 122 indígenas abrigados na Casa do Índio, no KM 25 da rodovia AM-010 (Manaus-Itacoatiara), vivem momentos difíceis na transição da administração da casa da Fundação Nacional do Índio (Funai) para a Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Além das dificuldades para conseguir marcar consultas médicas, fazer exames e programar cirurgias, às vezes tem faltado até alimento em quantidade suficiente para atender a todos. Nas sete

malocas existentes, índios saudáveis misturam-se aos doentes, inclusive aos portadores de infecções transmissíveis, por falta de espaço.

"Ficamos sem farinha por duas semanas e índio não sabe comer sem farinha", reclamou o índio ticuna Manuel da Silva, 46, que acompanha a mulher Regina da Silva, 41, com problemas de tireóide, cuja cirurgia demorou tanto para ser marcada que os exames perderam a validade.

Há seis meses na casa, Manuel preocupa-se com os seis filhos que deixou na aldeia Betânia, no Município de Santo Antônio do Itá (a 888 quilômetros de Manaus). Pai de nove filhos, ele trouxe os três menores com ele, inclusive um de seis meses que nasceu na Casa do Índio.

Os demais ficaram com a mãe de Manuel, na aldeia. "A gente quer ir embora porque não tem mais condição de ficar aqui, e não sabemos como estão as crianças lá", explicou.

Cansado de esperar pela solução do problema da esposa, Manuel reclama da espera e diz que vai aguardar mais duas semanas. "Se não marcarem a consulta e a cirurgia, vamos embora assim mesmo."

Celina Figueiredo da Silva, 24, ianomâmi de São Gabriel da Cachoeira, está há três meses com a filha Viviane, de 1 ano e quatro meses, com anemia profunda. A criança perdeu, inclusive, parte dos cabelos.

Celina disse que preferia ir para casa, mas tem que cuidar da menina. Diz ser ruim a hora de dormir, pois ficam muitas redes numa maloca pequena.

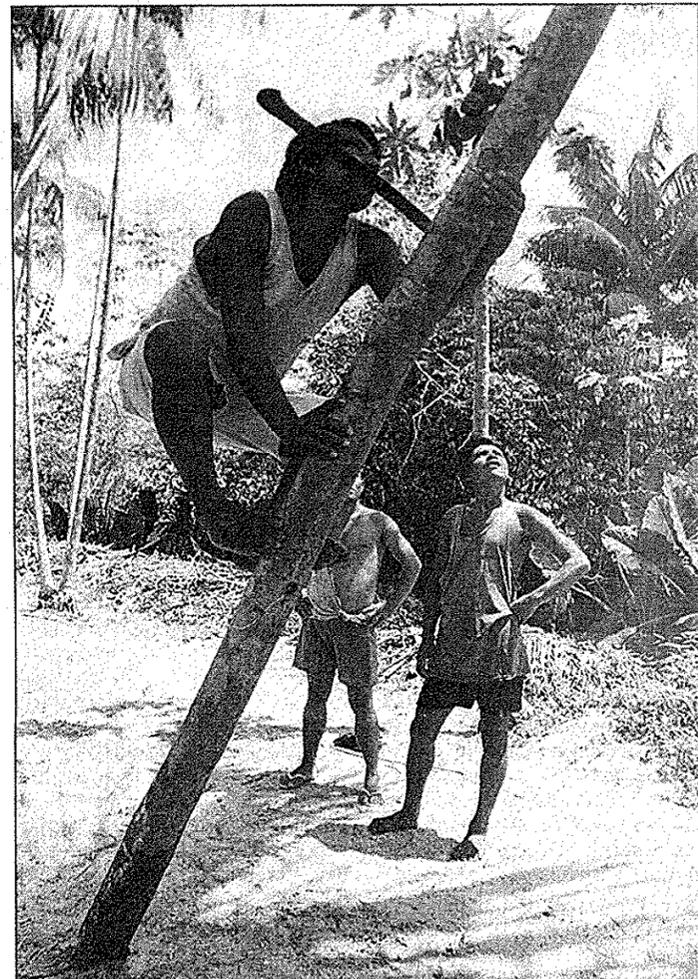
SÓ FRANGO E BOI

Doente da próstata, Jacinto Cruz, 54, ticuna do Município de Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus), diz não receber medicamento bom para se tratar. "Eles só me dão remédio que não adianta para nada e não vejo melhora", critica ele, que há qua-

tro meses está na casa.

Para espantar o tédio e a rotina de comer frango ou "boi", como se referem à carne vermelha, os índios Fernando Silva, apurinã do rio Purus, que está com hepatite; Manuel Santos, mundurucu do rio Madeira, que tem a mulher e filha doentes com pneumonia; e Edmilson Tavares, 19, camaçari de Eirunepé (a 1.245 quilômetros de Manaus), que acompanha um irmão com fratura na bacia, resolveram coletar e vender palha de buriti para comprar peixe. "A gente vende na estrada, onde passam os vendedores de peixe", disse Fernando Silva, ao mostrar a habilidade em alcançar a palha, subindo no caule da árvore.

Para eles, a comida é regrada, mas o insuportável é comer diariamente a mesma coisa, frango ou boi. "Nós comemos peixe todo dia na aldeia, por isso não dá para agüentar ficar sem peixe tanto tempo aqui", asseguraram.



SOLUÇÃO Fernando extrai palha de buritizeiro para vender na estrada e comprar peixe



QUEIXA A ticuna Regina da Silva teve prejudicado o tratamento de tireóide porque os exames médicos perderam a validade

Funasa descentraliza

O presidente da Funasa, médico Evandro Melo, admitiu ontem haver problemas na Casa do Índio de Manaus, mas garantiu que isso é resultado da fase de transição administrativa. Ele anunciou a implantação de sete distritos sanitários em municípios onde existem populações indígenas, com orçamento e autonomia para fazer o atendimento aos índios. Até julho, a Funai era responsável pela administração dessas casas.

Ele reconhece a falta de espaço na Casa do Índio de Manaus para abrigar tantas pessoas — em média 120, do Amazonas e de outros Estados da Região Norte. Mas diz que isso acontece porque os índios doentes vêm a tratamento acompanhados de vários parentes, fato que provoca a superlotação. "Vamos ter que reformar algumas malocas, como são chamados os locais onde ficam abrigados os índios doentes e familiares", afirmou. Ele estuda uma fórmula para separar os portadores de doenças infecciosas dos demais: "Pensamos que podem ficar isolados com a família, para proteger os outros". Melo quer, também, compatibilizar as etnias na distribuição pelas malocas, pois diz que algumas são rivais e ficar no mesmo espaço causa constrangimentos.

O presidente explica que não tem faltado alimentação, mas como a demanda de pessoas é grande, muitas vezes há dificuldades para atender a todos. Mesmo assim, ele diz estar conseguindo manter as refeições básicas, diariamente.

Quanto ao grande período de espera dos índios por exames especializados, Melo irá hoje se reunir com a Secretaria Estadual de Saúde (SES), visando conseguir um cronograma e marcar previamente consultas a especialistas. "Nós temos uma média de pacientes que precisam de determinados tipos de exames e vamos tentar marcá-los antecipadamente para agilizar o processo".

Alguns testes de laboratórios especializados como tomografia e ressonância magnética, segundo ele, já estão sendo pagos pela Funasa para apressar os resultados. Para administrar os sete distritos indígenas, nas regiões do Alto Rio Negro, Alto Solimões, Vale do Javari, Médio Solimões, Médio Purus, Parintins e Manaus, a Funasa terá recursos de R\$ 12 milhões, que serão distribuídos de acordo com a demanda de cada região. Melo explica que as decisões sobre a saúde indígena estão sendo tomadas pelo Conselho Distrital, formado por 50% de índios e 50% com organizações não-governamentais (ONGs).

O plano do conselho é colocar um agente de saúde em cada aldeia e contratar ONGs para facilitar a manutenção de um médico nas regiões onde estão os índios. "Os médicos da Funasa, por exemplo, não ganham salário suficiente que justifique o deslocamento para ficar numa aldeia, e pensamos que os médicos das ONGs, que já estão na área, podem fazê-lo".